

# CASA PÚRPURA

Ciro Nogueira de Oliveira

EDITORA  
calamares

Belo Horizonte • 2021

*Casa Púrpura* © Ciro Nogueira de Oliveira, 2021

**Edição**

João G. F. C. Silva

**Projeto gráfico e diagramação**

Anna Lobato

**Design da capa**

Coletivo Alpendre (Thomaz Lanna Neves e Marcelo Dante)

**Produção de objetos para a capa**

Anna Lobato

**Fotografia da capa**

Carlos Hauck

**Revisão**

André Luiz Costa

---

**CIP - Brasil. Catalogação na fonte.**

O48c Oliveira, Ciro Nogueira de,  
Casa Púrpura / Ciro Nogueira de Oliveira. - Belo Horizonte:  
Editora Calamares, 2021.

216 p.

ISBN 978-85-52978-02-2

1. Ficção Brasileira. I Oliveira, Ciro Nogueira de. II. Título

---

CDD: B869.3

Elaborado por Bernardo Pacheco Schuchter – CRB-6 MG-003575/O

Editora Calamares

editoracalamares.com.br

contato@editoracalamares.com.br

Esta história tem três partes:

- Magda, 1999
- Lena, 1989
- Madá, 1979

Podem ser lidas na ordem apresentada. Ou na de sua preferência.



**MAGDA, 1999**



Atravessando o pátio com uma lona para se proteger da chuva, Magda foi atender à porta sem saber se as visitas chegavam cedo ou se o remédio lhe roubava a noção do tempo. Viu pelo olho mágico o menino espremendo-se na árvore da calçada, exagerando com o gesto o perigo de se molhar. Achou graça, lamentando com carinho suas roupas marcadas pelo musgo do tronco e surpreendendo-se por ele estar ainda maior, apesar de tê-lo visto na semana anterior. Era seu filho.

— Veio sozinho? — Magda perguntou ao se abraçarem, enquanto notava o ex-marido acenando do outro lado da rua, de dentro do carro.

— Ahã. A gente vai pra onde?

— Hoje a gente fica aqui — e, conduzindo-o para o lado de dentro, fechou a porta.

Era noite de sexta, expectativa de pizzaria ou passeio no shopping.

— Sua irmã não quis vir?

Ele fez que não enquanto caminhavam para seu quarto da pensão.

— Vai perder uma festa.

O bom humor do menino não voltou com a promessa.

Uma colega iria celebrar ali, numa sala vazia do casarão onde alugavam quartos, a inauguração de seu salão de beleza. Magda pensou a princípio que não seria um bom ambiente

para crianças. Queria, no entanto, estreitar o convívio. Argumentou com o filho que escolhera aquele programa para que conhecessem sua casa.

— Mas eu já conheço sua casa, já vim aqui várias vezes! — ele rebateu, sentando repetidas vezes com força na cama de solteiro que ocupava quase metade do quarto onde a mãe terminava de ajeitar os brincos no espelho.

— Tá. Mas ia pegar mal pra mim recusar o convite.

Ele a olhava pelo espelho, aguardando uma complementação.

*E é bom acostumar, porque se for morar comigo nossa vida vai ter que ter acordo.* Veio a ideia, mas Magda preferiu não dizer essa parte.

Chegaram de mãos dadas na sala que Wanda, a recém-formada cabeleireira e colega de pensão, conseguiu para fazer a comemoração. Ainda chovia do lado de fora. Na penumbra das janelas fechadas, duas moças dividiam um sofá puído enquanto aguardavam a vez de passar pela cadeira em que Wanda cortava os cabelos das convidadas que quisessem. Uma mesa de plástico ao centro ostentava algumas garrafas, manuseadas por outra moradora que notou a entrada de Magda e a recebeu com alarde.

— Meu deus do céu, mas vejam essa mulher! — encheu a sala com sua voz, caminhando em direção à entrada, de braços abertos e quadris revoltos, chamando a atenção para seus jeans apertados e um top de couro que brilhava apesar da luz baixa.

Dentre as moradoras da pensão, era a que provocava desconforto em Magda. Sentiu a timidez do filho emanando braço acima.

— Ei, Alice. Olha, esse é o meu menino, Marcos. Ele tem 9 anos.



As moças do sofá riram. Wanda acenou sorrindo para Magda através do espelho improvisado. Alice ajustou seu top e se abaixou na altura da criança:

— Que lindo esse cabelão, hein? Teve a quem puxar! Sabia que meu sonho é chegar na idade da sua mãe bonita igual a ela? — e buscou Magda com o olhar, mas ela já estava ajeitando duas cadeiras no canto da sala.

Uma das moças se levantou e ofereceu um copo de cerveja. Seria apenas para o brinde ao salão de beleza, mas Magda recusou. Chamou Marcos, que correu até seu colo. A outra moça do sofá, cujo casaco bordô parecia formal demais para sua pouca idade, apontou para o menino e perguntou a Magda se havia saído. Magda não entendeu.

— Saiu a guarda? — a outra explicou.

Marcos levantou e se aproximou da cadeira onde Wanda cortava um cabelo. Ligaram um rádio, e a voz do locutor preencheu o ambiente.

— Não, ainda não teve — Magda respondeu olhando um balde que recebia goteiras do teto — falta um mês.

Se referia à audiência em que as guardas de Marcos e Manuela, sua outra filha, seriam disputadas com o ex-marido.

— Ah, sim. E se der certo eles vêm morar aqui com você?

Magda não desviou o olhar da goteira. Fez que não com a cabeça. Mais três moradoras entraram na sala. Alice as recebeu com a mesma voz de falsa surpresa. A festa estava completa. Wanda, que parecia ter finalizado o corte, dessa vez foi à porta receber as recém-chegadas. Magda acenou sem quase mover o braço, não sabia os nomes de todas. Fazia menos de um ano que vivia ali. Não estava entre as mais antigas, mas era a mais velha, o que talvez resumisse algumas relações em bom dia

e boa noite. A pergunta da vizinha de casaco bordô — seria Lúcia? — ainda provocava reações em seu estômago. Se não foi maldade, foi burrice. Ou inocência, mais provável. A moça devia estar com seus vinte e dois anos e não se deu ao trabalho de raciocinar que ninguém ali tinha crianças nos quartos. Que uma retomada de guarda bem-sucedida seria melhor acompanhada por uma alavancagem de suas vendas, ou quem sabe a volta à costura, importava mesmo era garantir o aluguel de um bom apartamento com camas novas, videocassete para agregar a família e a autonomia de um contrato em seu nome.

A nuvem de pensamentos foi suavizada pela fumaça do cigarro vinda com uma das convidadas que, depois de cumprimentá-la, se juntou às outras que paparicavam Marcos. Ele estava de olhos baixos e rosto vermelho quando lhe perguntaram se já tinha namorada, se era Atlético ou Cruzeiro, se tinha ciúmes da mãe — temas de aborrecer as crianças — e quando alguém perguntou se já havia feito sete anos ele se assustou e levantou o queixo para bradar em protesto seus nove completos, o que impeliu Magda a interceder na roda, acariciar a nuca do menino e perguntar a Wanda se havia comprado por acaso uma Coca-Cola.

— Ih, pior que não! Mas se for pra ele pode pegar lá na geladeira e anotar na minha conta.

No silêncio da cozinha, Magda observava o menino sugar o refrigerante tirando ruídos dos canudos. Perguntou se sabia por que a irmã não quis vir. Não sabia. Enquanto pensava nas possíveis razões, ainda observando o filho do outro lado da mesa, sentiu um gosto travoso no fundo da língua. Talvez o remédio não suprisse a necessidade da bebida por apaziguar a ansiedade, mas por deteriorar o paladar.

Sua filha não quis vir. Não querará viver com ela. O namorado sim gostaria de ter vindo, mas não pôde, que homens adultos não eram permitidos na pensão. Ele aparecera com um convite havia pouco: que fossem viver na praia, com emprego e tudo. Seria uma facilidade, e nada de audiência, nada de briga judicial e ninguém para protestar que abandonara as crianças — sempre se podia empunhar um atestado médico — e mais o mar, a mudança de ares, a companhia de um sujeito que fazia questão de sua companhia.

Um eco no fundo da garrafa anunciou o fim do refrigerante. As vozes da festa se faziam presentes, ainda que à distância de um pátio interno que a separava da cozinha. Magda passou a mão nos cabelos compridos do menino, brincando se não gostaria de cortá-los. Ele deu um impulso para trás, simulando cara de pavor. Ambos riram. Ela conferiu o disco do aparelho de telefone, pensando em ligar para Astro, o namorado. Estava com cadeado, uma pena.

— Posso cortar só as pontas? — o menino perguntou, erguendo as sobrancelhas, como se fabricando uma grande ideia.

Surpresa. Claro que podia, teve o ímpeto de responder, mas pensou de imediato no ex-marido, quem tomava as decisões de peso na vida do filho desde a separação. A sensação de devolvê-lo com uma alteração, uma marca de sua gestão, ainda que curta, ainda que um detalhe no penteado, sinalizava uma mudança de rumo. Quem sabe Magda abraçasse com naturalidade toda a vida de cuidar e, quem sabe, gostasse de fazê-lo. A ideia de autorizar o corte era prazerosa, em contraste com o que imaginava ao pensar na possível mudança, no convite do namorado, pois nesses momentos atribuía um peso às obrigações de mãe, um peso do qual poderia se livrar apenas deixando

as coisas como estavam: nada de pedir guarda, e vamos ao mar, uma vida independente ao preço de administrar saudades das crianças, parecia justo, mas, por outro lado — e era a intuição que lhe dizia —, definitivo.

— Posso, mãe? — insistiu num tom mais alto, interrompendo seu devaneio.

*Pedi pro seu pai?* — tomou ar para perguntar, mas se deteve.

— Claro. Suas pontas tão irregulares — e deu tapinhas nos cabelos do filho.

Quando ajeitaram três catálogos telefônicos empilhados na cadeira para favorecer a altura de Marcos em relação à cabeleireira, a festa passou a ter um centro de atenções. Todas as presentes olhavam para ele, já desinibido, ouvindo os palpites sobre o corte. Mesmo Alice, então com um casaco jeans sobre o top de couro, parecia simpática, e sussurrou para Magda que o cabelo do menino era mesmo muito lindo. A campainha da casa soou em meio ao vozerio. Magda se aproximou de Wanda, que esfregava uma de suas tesouras com a flanela, e disse que fizesse só as pontas. A cabeleireira ponderou que um repicado seria mais moderno e que *o rosto dele é lindo, tem que deixar aparecer*. Magda via a expressão do menino na luz amarela do abajur, uma improvisação de aconchego que ela mesma providenciara na semana, e percebia não ter opinião sobre a sugestão da colega. A campainha tocou de novo. Ela ajeitou uma mecha de Marcos atrás da orelha. Disse à outra que conhecia o filho, que ele não gostava curto. Ao fundo, Alice despejava Campari sobre um copo de gelo. Magda sentiu a boca salivar.

— Combinem aí. Vou atender a porta, que Dona Leia deve estar no banho — e, saindo da sala, disse bem-humorada

— só não repica, Wanda, que vai dar briga isso aí!

Foi à porta por um pressentimento. No começo da semana, Astro sugeriu que fizessem um programa com as crianças e, sem pensar, Magda havia concordado. Seria naquela noite e seria a primeira vez, mas, surgido o convite de Wanda — que pegaria mal recusar —, ele foi excluído de última hora, graças às regras da pensão. Talvez tivesse vindo só dar um abraço.

A chuva havia diminuído, dava para atravessar o pátio aberto sem ajuda da lona. O namorado não parecia ciumento ou controlador, mas desde a proposta de mudança para o litoral algo mudara na relação. Magda no início havia se empolgado com a ideia. Pela aventura de uma realidade inédita, não pela aventura a dois, entendia aos poucos. Ao constatar certa indiferença afetiva em relação ao rapaz, recuou, orientou-se para o continente, para a retomada da vida em família, para a audiência com a juíza. Opções que o excluía.

Chegando à porta, a campainha soava uma terceira vez. Astro não seria tão insistente. Magda abriu sem perguntar.

Debaixo de um guarda-chuva enorme estava Roberto, o ex-marido.

— Não iam sair? — ele perguntou, inclinando-se para ver o lado de dentro.

— Você tava fiscalizando aí na porta?

Roberto confirmou com a cabeça, ignorando a ironia, aguardando uma resposta. Uma gota escorreu de seu guarda-chuva atingindo o olho de Magda.

— A festa é aqui. É coisa boba — ela disse, enquanto esfregava o rosto e se recompunha do susto — Quando terminar eu levo ele lá, pode deixar.

Ele fechou o guarda-chuva e se abrigou sob o batente da

porta, aproximando-se de seu rosto como se fosse lhe dizer algo ao ouvido, mas apenas respirava. Ela reconheceu o gesto. Sem ceder espaço, olhando para a calçada molhada, tomou ar. Disse rindo:

— Pode deixar que o menino não tá bebendo.

A relação com o ex-marido também se transformara fazia pouco. Separados de fato havia alguns anos, recentemente ele a havia procurado com a intenção de formalizar o divórcio. Dissera que para se casar outra vez. Na audiência resolveriam a guarda das crianças.

Ao trancar pela segunda vez na noite a porta da rua, Magda resolveu beber um copo. Não faria mal. Os remédios estavam regulares havia mais de uma semana. Marcos já estava à vontade. Uma cerveja ajudaria a relaxar.

A chuva apertava. Precisou correr para atravessar o pátio de volta. Do outro lado escutou um grito. Sentiu os braços amolecerem. Era Marcos. Enquanto avançava para a festa, escutou outra vez, então mais abafado. Podia ser uma brincadeira do menino, mas acelerou o passo. Da porta via um círculo de mulheres em volta da cadeira de corte. Marcos chamava pela mãe. Ela se aproximou. Havia uma trilha de sangue em seu braço e em sua mão, apertada contra a cabeça. Gemidos. Wanda tentava acalmá-lo. Ele se debatia. Alguém desligou o rádio.

— Dei um pique na orelha sem querer, Magda. Ele mexeu. Foi nada — disse a cabeleireira.

Marcos tinha o olhar apavorado, como se tivesse sido emboscado por um animal. A cada vez que movia a mão mais sangue brotava da orelha. O lado direito dos cabelos estava curto. Wanda não se ateu às pontas. A figura de Roberto veio de volta à cabeça de Magda. Todas as mulheres olhavam em

sua direção, aguardando uma providência. O menino tentava dizer algo, mas o próprio choro o interrompia. Alice tentou acariciá-lo na cabeça, mas ele se esquivou, novamente apelando à mãe. Magda girou mirando o chão e caminhou em direção à porta. Ouviu seu nome ao abandonar a sala mas seguiu adiante. Foi costurando poças d'água e recebendo a chuva até seu quarto, onde retirou da gaveta uma caixa de comprimidos. Cortou com a unha um quarto de diazepam. No caminho até a cozinha, ouviu seu filho chamar de novo, dessa vez sem choro, a voz clara e interrogativa, como se perguntasse *ô desgraça, cadê você*. Encheu um copo d'água e esfarelou o comprimido. Misturou uma colher de açúcar.

Alice entrou na cozinha. Tinha a boca aberta e os olhos arregalados. Queria perguntar algo, mas não se articulou. Magda passou por ela de olhos baixos, cuidando para que não chovesse dentro do copo.

— Tá tudo bem, falta pouco — Magda sussurrou no ouvido do filho ao enlaçar seu pescoço com o braço. Ele se aninhou em seu abraço, mas devolveu um olhar de estranhamento, como se processando sua fala — toma uma aguinha com açúcar pra acalmar.

Ele deu um gole, depois outro. Na metade do segundo, Magda tomou com firmeza o copo de sua mão e bebeu o resto. As moças da pensão se dispersaram pela sala. A música voltou. A moça de casaco bordô falava algo sobre ficção científica.

Alice surgiu com band-aids. Magda piscou para Wanda e acenou com a cabeça, que sim.

No dia seguinte acordou com um telefonema de Roberto.